

LEONARDO BRASILIENSE

Roupas sujas  
*Romance*



---

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by Leonardo Brasiliense

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Milena Galli

*Foto de capa*

Leonardo Brasiliense

*Preparação*

Ciça Caropreso

*Revisão*

Jane Pessoa

Angela das Neves

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Brasiliense, Leonardo

Roupas sujas : romance / Leonardo Brasiliense. — 1ª ed. —

São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN: 978-85-359-2999-7

1. Ficção brasileira I. Título.

---

17-07390

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*O inferno é não poder aceitar  
o perdão.*

Maria Carpi

ANTÔNIO

# 1. O casamento

Meu pai teve oito filhos.\* Aquilo na roça, e na época, era necessário. Um empregado custava caro, um meeiro exigia dividir a colheita. Filhos, portanto, eram riqueza, e todos tinham função. Os homens crescidos trabalhavam na enxada, as mulheres tocavam a casa. Os mais novos, inocentes, precisavam sobreviver — só um não conseguiu. E nós, os do meio, fazíamos coisas menores: Valentina, que tinha doze anos, cuidava do caçula, ainda um bebê, e eu, homenzinho já com oito, limpava as armas todas as semanas.

No outono do ano seguinte à morte da mãe, Maria Francesca, a segunda entre as mulheres, anunciou que iria se casar. Foi

\* A mãe faleceu no último parto. Nem pôde ver a criança: morreu com o filho atravessado na barriga. Na colônia, nos anos 1970, ainda era comum nascer em casa. O pai acudiu aos berros da parteira e, antes de chorar pela mulher, puxou da cintura a faca e lhe abriu o ventre, salvando o menino. Batizou-o Pedro, ele que veio ao mundo quebrando as vidraças do que todos consideravam um lar, feito uma pedra. Por óbvio, a analogia não ocorreu àquele homem rude; foi sobretudo um fato.

num almoço. Uma palidez lhe denunciava o estado de nervos e ressaltava as olheiras que seriam fruto de várias noites maldormidas.

Geni, a irmã mais velha e sem noivo ou sequer namorado, baixou a cabeça. Seus braços eram grossos e fortes, ela toda sempre me pareceu forte. Geni respirava ruidosamente, eu estava próximo a ela, pude ouvir.

O pai ficou esperando algo mais, com o garfo na mão.

— Ele vem hoje de noite lhe pedir consentimento — disse Maria Francesca.

O pai levou o garfo à boca. Seguiu comendo sem fazer nenhum comentário, sem olhar para nenhum de nós. Nada em sua face ou em seus gestos nos deixava imaginar o que ele estava pensando.

De tarde, perguntei a Valentina se nunca mais iríamos ver Maria Francesca. Ela respondeu que não sabia. E não tivemos coragem de perguntar aos outros, desde o almoço ninguém falava com ninguém.

Nos fundos da casa, ficavam os tanques: um de lavar roupas e o tacho de polenta e outro para lavar os pés na volta da roça — no inverno, lavar os pés era o banho do dia a dia; o completo, só no sábado. Atrás dos tanques, eram os dois banheiros, tudo de tá-bua, as paredes e os assentos. Mais atrás, a horta, para lá do poço.

Geni, por ser a mais velha, cuidava da horta e da cozinha. Maria Francesca lavava a roupa. Quando a mãe era viva: ela cozinhava, Geni lavava a roupa e Maria Francesca nos vigiava. Com a morte da mãe, todos ascenderam nas funções, e ninguém estava preparado.

O natural seria que a primeira filha casasse antes e fosse embora, a mãe continuando viva na cozinha. Mas tudo estava errado em nossa casa. E o pai, talvez pela fraqueza que a desarmonia lhe deu, consentiu o casamento de Maria Francesca. Aquele João Wagner era um rapaz bom, ninguém diria o contrário. Pena ele ter escolhido a noiva errada. Mais uma coisa fora do lugar. Tínhamos que ser fortes. Principalmente Geni, com o sentimento de ter sido preterida pela sorte. E de certa forma Valentina, que em breve passaria a lavar a roupa.

Quem não se afetava com qualquer mudança era a dupla de irmãos homens, que na idade — dezenove anos — ficavam entre Geni e Maria Francesca.

Estevam e Ferruccio, gêmeos, subiam com o pai toda manhã para a roça, voltavam ao meio-dia, comiam mais que nós outros todos juntos, em seguida era a roça de novo enquanto houvesse um raio de sol. Muitas vezes, à tarde, subiam sozinhos, o pai costumava ir ao distrito fazer negócios. Estevam e Ferruccio não falavam muito.\* Eram iguais em quase tudo: magros e altos, o cabelo quase ruivo penteado para o lado direito. Mas Ferruccio não tinha uma orelha, perdeu quando criança numa brincadeira boba com facas — eu não gostava de olhar para o buraco.

Para os gêmeos, mudar a cozinheira dava no mesmo: de qualquer modo não seria mais a mãe.

A questão era ainda a morte da mãe. A saída de Maria Francesca nos soava como um eco. Mais uma deixando a família, que encolhia, ficava menos família. O que seria de nós?, todos deviam perguntar cada um para si, nunca em voz alta.

Exceto Valentina e eu, que comentávamos tudo entre nós...

— Onde é que ela vai morar? — eu perguntei.

— Acho que longe. Ontem ouvi ela dizendo para Geni que vai para bem longe, que não volta mais.

— Isso é certo?

Valentina era nova demais para me responder. Mas nós dois sabíamos, tanto quanto os adultos, que nossa vida estava mudando.

E que estava tudo errado.

\* Os gêmeos tinham uma percepção diferente das coisas. A roça era em cima do morro (plantavam feijão e milho), e do outro lado se estendia um vale. Para eles, o pôr do sol se dava no horizonte ao fim do vale, mais tardio e mais distante que para os outros irmãos, que o viam logo ali atrás do morro.



Geni acordava antes de todos, acendia o fogo no fogão a lenha e preparava o café da manhã. Sempre tinha ovos mexidos, pão doce e um café preto bem cheiroso. O que eu mais gostava era das geleias — minha favorita, a de goiaba —, ficava com o gosto na boca por horas.

Depois Valentina e eu íamos para o grupo escolar a pé. Três quilômetros pela estrada vicinal. A escola era uma construção pequena, de tábuas de araucária — como nossa casa —, amarela com aberturas marrons. Na única sala de aula, Valentina estava na quarta série e eu na primeira.

De tarde, além de cuidar de Pedro, ela me ajudava a entender os temas de casa. A mãe estava morta.

Pedro não dava trabalho. Tinha quase dois anos e ainda passava a maior parte do tempo no chiqueirinho de ripas que o pai fez e nós deixávamos na varanda. Demorou a falar, e a primeira palavra foi “mãe”. Como ele nunca a viu, demo-nos conta de que falávamos muito nela. Quer dizer, Valentina se deu conta, comentou comigo olhando para o pequeno. Ele se agarrava nas grades de ripa, atento em nós.

Valentina me poupou de muito esforço para entender as coisas do mundo, da família e da vida. Aprendi a interpretar os fatos que nos cercavam através de seu olhar. Houve um tempo em que eu agradecia por isso, hoje fico pensando no quanto perdi.

Hoje vejo Pedro como a nossa ponte. O último a estar com a mãe, o último a falar com ela. Mesmo ignorando sua existência e que ela não ouviria.

O pai resolveu fazer um almoço de domingo para o noivado de Maria Francesca. O tempo ajudou, fez um dia de sol e sem nuvens. Veio a família de João Wagner: pai, mãe e dois irmãos. Todos muito corpulentos, muito vermelhos e tímidos. O pai dele concordava com tudo o que o nosso dizia. Arregalava aqueles olhos azuis, como assustado, e balançava a cabeça de um jeito meio servil.

Era nítido no semblante de nosso pai o desrespeito pelo homem. Arrependera-se de mandar Geni fazer porco e batata — “esses alemães gostam de porco e batata” — em vez da nossa polenta com frango. Agradar às visitas era uma obrigação quase religiosa para nós. No entanto, elas tinham que merecer.

Para ajudar na cozinha, Geni requisitou Valentina, porque Maria Francesca tinha que fazer sala aos futuros sogros. A janela da cozinha se abria para o pátio, onde estava a mesa do almoço e o círculo de cadeiras ao redor do pai. Geni cortava o repolho fixada nos noivos, e cortou o dedo. Não fez cara de dor, só olhou para o corte, deixando o sangue escorrer no repolho. Valentina

fingiu não ver. E mais tarde ela me jurou que a outra espremeu o dedo até não escorrer mais sangue.

O pai de João Wagner foi o único a interromper o silêncio durante o almoço. Propôs um brinde aos noivos, lá do jeito dele, apagado. Todos murmuraram e ergueram os copos de vinho — ou suco de vinho, no nosso caso. Dali em diante, não se falou quase mais nada, os alemães foram embora lá pelas duas da tarde. Nosso pai já não aguentava nem disfarçava o sono.

Esqueceram de marcar o casamento. Ou se alguém lembrara, como o pai não tocou no assunto, ficou tacitamente para outro dia.

Maria Francesca lavou os pratos sem tirar o anel de noivado. Geni foi colocar um curativo no dedo.

Dias depois, quem se cortou foi Estevam.

Eu passava banha na espingarda, sentado embaixo da laranjeira, e ouvi os gritos de Ferruccio: “Acudam, acudam”. Ele e o pai carregavam Estevam desacordado. Ambos vinham sem camisa, que haviam amarrado no pé direito do outro, numa trouxa de sangue.

Corremos todos à cozinha. Deitaram Estevam sobre a mesa e abriram a trouxa. O pé estava pendurado na canela por um fiapo de carne. Maria Francesca deu um grito. Foi-se o osso, foi-se tudo.

Eu não tive nojo. Teria, mas me distraí: pensei no futuro de Estevam, ele andando de muletas, o pé direito pendurado, balançando no ar.

O pai lhe atou uma tira de couro na canela, para estancar melhor o sangue, e foi correndo pegar o Fusca.

Comecei a me culpar por não sentir o que os outros sentiam, por não ficar desesperado ou com medo. Agora pensava em como conseguiríamos as muletas, se custariam caro.

Saíram de carro com Estevam para a cidade, o pai — ainda sem camisa — e Geni.

Ferrucio ficou sentado na cozinha, olhando a mesa onde há pouco estava o irmão desmaiado. Tremendo, ele dizia “Foi sem querer, não foi por gosto”.

Estevam ficou no hospital por uma semana. Hospital pequeno de cidade pequena, de poucos recursos, fez-se o possível. Ia e vinha uma febre que o médico demorou a vencer. Geni o acompanhou o tempo todo, o pai o visitava todos os dias e nos trazia as notícias.\*

De noite, eu sonhava com o pé de Estevam balançando, pendurado. Às vezes, sonhava que era o pé esquerdo e me corrigia no próprio sonho, dizia-me que estava errado, que era o direito. As ausências de Geni e Estevam na casa me deixavam perdido.

\* Andava internada no hospital, por aqueles dias, a esposa de um vizinho de terras. O pai de Antônio a procurou. O marido dela saía para fazer compras na cidade, quem a acompanhava no quarto era a única filha mulher. A moça, encabulada, não disse uma palavra durante toda a visita. Os velhos conversaram pouco, gentilezas de boa vizinhança. Ele a ouviu falar da extração da vesícula e contou-lhe a história do pé cortado. Tudo muito comedido, falavam baixo. E a moça, ali numa cadeira de canto, num rubor contagiante. No final, votos de saúde e passar bem. Lembranças ao vizinho. Na roça, não sobrava tempo para tanta convivência.

No sexto dia da internação, perguntei a Valentina:

— Será que ele volta?

No sétimo dia, ele voltou. Mas não com o pé balançando, como eu tinha imaginado e via em meus sonhos... Voltou sem o pé.

O pai e Geni o tiraram do Fusca sob nossos olhares. Ele se apoiou nas muletas, cabisbaixo, e veio andando com dificuldade pelo terreno.

Ferrucio, que estava ao meu lado, começou a chorar e a repetir “Foi sem querer”. Só eu podia ouvi-lo. Correu até o irmão. Os dois se abraçaram. Estavam também chorava, soluçava no buraco onde estaria a orelha esquerda de Ferrucio. Agora faltava um pedaço em cada um.

E mais um pedaço em todos nós.



Por algumas semanas, Estevam e eu trocamos de função. Ele ficava em casa, ajudando Valentina a cuidar de Pedro e fazendo outras coisas de pouco esforço. Não tinha muita agilidade com as muletas, passava bastante tempo sentado. Eu fui para a roça.

Ferrucio e o pai trabalhavam sem falar. Eu não sabia se era assim desde sempre ou apenas depois do acidente. Como estava acostumado a conversar o tempo todo com Valentina, puxava assunto. Ferrucio me dava um pouco de atenção, embora respondesse na medida do necessário, nada mais. E o pai, nada mesmo.

Mas nem Ferrucio me respondia quando eu falava de nosso irmão.

Eu ainda sonhava com o pé de Estevam pendurado. Num dos sonhos, o pé era meu e subi o morro até a lavoura com ele arrastando na terra. Lá em cima, não tinha ninguém.

De noite, à beira do fogão a lenha, Valentina pegava minhas mãos e dizia que estavam se transformando em mãos de homem. Estevam nos olhava e olhava para as suas mãos e as fechava, apertando os dedos até ficarem brancos, sem sangue.

Foi ele quem teve a ideia da prótese.

\* \* \*

É claro que em meados dos anos 1970 já existiam algumas que imitavam perfeitamente um pé, mas para nós eram muito caras. O pai e o marceneiro do distrito resolveram com algo que parecia um cabo de vassoura preso a uma pequena almofada. Estavam experimentou, deu uns passos no pátio, mancando. Tirou a coisa e foi ao galpão serrá-la para ficar do tamanho certo, ou quase.

Ele voltou para a roça e eu à minha vida normal, às aulas. Enquanto copiava as frases que a professora escrevia no quadro, olhava minhas mãos e via os calos desaparecerem.

Quando alguns começaram a sorrir de novo lá em casa, Maria Francesca veio falando em marcar o casamento.